

Sobre o *Metrofitting* Ontológico de Cidades

Arturo Escobar

Previously published in *e-flux*

architecture

<https://www.e-flux.com/architecture/>

Introdução: A terra e a cidade

Mais ou menos há três anos eu iniciei uma apresentação no Encontro Anual da Associação Americana de Geógrafos argumentando pela necessidade de ‘re-terraformar’ as cidades

A Terra tem sido banida da cidade. Por ‘Terra’, baseando-me tanto em cosmovisões indígenas quanto em ideias de teoria biológica e social contemporânea, eu me refiro a interdependência radical de tudo o que existe, ao indubitável fato de que tudo existe porque tudo o mais existe. Portanto, que nada pré-existe anteriormente as relações que o constituem. A Terra assinala a capacidade de auto-organização da vida, o fluxo incessante de transformação de formas, forças, comportamentos e relações, assim como o fato que entidades, processos e formas encontram-se sempre em um processo de co-criação dependente. Adoto esta noção de Terra como horizonte para uma praxis renovada da vida, assim como base para o ato essencial do ‘habitar humano’.

Dei continuidade à minha fala abordando o exílio da Terra da cidade enquanto reflexo de uma dupla anomalia civilizacional: a construção de cidades com base em sua separação do mundo vivente não-humano, particularmente desde a polis grega clássica; e a tendência a depreciação histórica de tudo que não seja cidade, como todas as formas de vida rural, culturas indígenas e étnicas, nomâdes, migrantes, vagabundos, ocupantes ilegais e todos aqueles que se negam a observar normas e regras habitacionais modernas. Minha pergunta era se seria possível reverter esta anomalia civilizacional. Em tempos de uma crise civilizatória provocada pelo desgaste da relacionalidade, em grande medida originária na vida urbana, não deveríamos estar buscando por pistas importantes para o repensar da cidade em espaços difamados que se encontram nas margens, ou mais além dos confins, das cidades? Hoje, o projeto de repensar, refazer, e repolitizar o habitat urbano deve observar, deve considerar a experiência daqueles situados nos interstícios epistêmicos, ontológicos, sociais e espaciais das cidades, incluindo os ‘mais-do-que-humanos’.

Os modos ocidentais de habitar erodiram o modo de vida sistêmico baseado na interdependência radical. É portanto imperativo que outros modos de habitar sejam encontrados, imaginados e propostos, incorporando modos de vida relacionais à paisagens urbanas, inseridos em uma concepção comunitária ampla e aberta. Como argumentei já em 2018, proceder desta forma requer uma reorientação ontológica do *design*, de suas tendências funcionais e instrumentais em direção a, aproximando-se de seus princípios e objetivos relacionais. Isto implicaria reformular a arquitetura, o urbanismo e o desenho urbano como práticas culturais, técnicas e políticas para formas do habitar relacionais e pluriversas.

O construir e o reconstruir atual de cidades, mais rápido e em maior escala do que nunca, permanece sendo modelado por marcos espaciais obsoletos. Onde buscamos pistas de diferentes caminhos para a cidade? Esta questão está sendo atualmente explorada pelo ‘giro relacional’ dos estudos urbanos, que, segundo Ash Amin e Nigel Thrift, compreende “enxergar o mundo como uma constelação de montagens existenciais, cada uma delas requerendo ideias, ferramentas e sensibilidades que façam justiça a sua própria integridade, em lugar de alguma ficção de padrão universal ou método objetivo”². Este marco é hábilmente encapsulado pela expressão “enxergando como uma cidade”³. ‘Enxergando como uma cidade’ exige uma epistemologia ‘do terreno’ apropriada para ontologias urbanas relacionais, incluindo a inteligência distribuída decretada por sistemas sócio técnicos; permanecer próximo das redes de relações ao invés de privilegiar teorias *top-down*, empregando métodos de observação e intervenção adequados a ‘ontologia rizomática’ da cidade⁴, uma sensibilidade etnográfica dirigida ao compromisso de enxergar a cidade a partir dos espaços dos quebrados, ou o espaço dos expulsos⁵; e a preocupação emergente com ‘re-terraformar’ a cidade, sua materialidade e o mais-que -humano.

O *design* como praxis de um mundo em transição

O *design* está, em si mesmo, em crise dentro de um mundo em crise. Portanto, podemos construí-lo como uma prática em transição ao serviço de transições sócio ecológicas e civilizacionais mais amplas. Para fazermos isto, entretanto, precisamos considerar o *design* como ontológico. De acordo com Terry Winograd e Fernando Flores, “Nós encontramos a questão profunda do *design* quando reconhecemos que’ ao projetarmos ferramentas projetamos modos de vida, as condições de nossa existencia. O design é ontológico na medida em que, ao projetarmos ferramentas, ‘Nós (humanos) definimos as condições de nossa existencia. Nós projetamos ferramentas e estas ferramentas nos redefinem, nos desenham’. “O *design* desenha” é a fórmula apropriada proposta por Anne-Marie Willis para essa circularidade, “nós projetamos nosso mundo, enquanto que o nosso age de volta sobre nós e nos desenha (nos redefine)”⁷. Isto se aplica a toda a gama de objetos, ferramentas, instituições e discursos da criação humana. No contexto das cidades, como disse o ex diretor da UN Habitat, Joan Clos, “nós temos criado a cidade, mas não temos pensado o suficiente em como a cidade nos recria”⁸.

Design e arquitetura estão vinculados a ontologia cartesiana de sujeitos autossuficientes que confrontam um mundo exterior feito de objetos pré-existentes, objetos autônomos que podemos controlar à vontade. As noções de representação, objeto e projeto pertencem a esta ontologia. O que conhecemos como “objetos” deriva da ontologia dualista que separa mente e corpo, observador e observado, humanos e não-humanos. Relacionado a isto, a ideia de “projeto”, como colocada por Alfredo Gutiérrez, permitiu ao *design* moderno “monopolizar as relações com o

amanhã”, uma vez que “o futuro só pode ser alcançado pelo projeto, o qual termina captando toda e qualquer possibilidade de existência, ‘projetando-se’ sobre toda a Terra, como uma doença, como o mundo único ocidental que nega todos os outros. Porque para o Ocidente não existem outros mundos, apenas fragmentos inacabados de si mesmo”⁹.

O que seria do *design* se o mesmo tivesse que ser baseado no *insight* fundamental de que o mundo não existe “lá fora” separado de nós, mas sim que co-emerge com cada uma de nossas ações, embora dentro de uma dinâmica complexa de causalidade, contingência e deriva histórica? Tal consciência requereria uma prática de *design* na qual objetos, representações e projetos deixariam de ser fundamentais para a construção da vida. Em vez de um tipo de design que mina a construção relacional do espaço e das coisas por meio de práticas que priorizam a medição, otimização, produtividade, eficiência e controle – muitos destes atualmente reforçados por uma racionalidade algorítmica -, o *design* precisa se engajar novamente na construção da vida com todos aqueles – humanos e não-humanos – que estão envolvidos nos contextos e situações particulares do ato de design (de projetar).

***Metrofitting* ontológico e a cidade-mais-que-humana**

Ontologias dualistas e relacionais transmitem formas distintas de ser-no-mundo, no espaço e no território. Ao considerar estas noções para o repensar e refazer das cidades, observando o esgotamento da cidade européia enquanto paradigma projetual, Tony Fry propõe um marco referencial orientado ontologicamente, o qual ele denomina *metrofitting* (ver Astrágalo 25, pag. 34). O ponto de partida de Fry é o efeito ontológico de desfiguração do *design* moderno, pelo que ele quer dizer da criação, por parte do design, de um mundo-dentro-de-outro-mundo, fato esse estruturalmente insustentável. Como resposta, propõe um movimento de reparação “Sustentável”, entendido como um projeto pós-iluminista de escala tão grande, ou maior, que o Iluminismo – o qual reconhece a dialética de metabolismo social, mudança e reparação.

Se, como é o caso, a humanidade deve mudar continuamente de forma adaptativa para sobreviver, então os necessários entornos que impulsionem e apoiem esse processo devem ser ontologicamente desenhados. Como tal, (a agenda de *metrofitting*) deve explorar a indeterminação da cidade e os riscos aos quais está exposta. Para tanto, deve interrogar a sua fragmentação e suas idades porosas; seu metabolismo destrutivo e criativo; o que tem que ser aprendido e o que tem que ser reparado, e por quem; as políticas de mudança e o imperativo de agir no tempo[Em suma], o refazer das ciudades, enquanto ação e resultado, é um meio de nossa própria reconstrução¹⁰.

Metrofitting implica o refazer da cidade a partir dos mundos relacionais dos quais toda a vida é dependente. Isto significa olhar para a cidade como um evento de desenho histórico e metabólico no qual o *metrofitting* deve se engajar. Para Fry, a reconstrução da cidade se baseia em sua destruição, a qual, por sua vez, implica uma transformação ontológica do nosso ser-no-mundo. Conseqüentemente, “uma estratégia muito mais substancial e fundacional de mudança é necessária, na qual o *metrofitting* e o *design* ontológico se constituem enquanto elementos fundantes (baseados em) de projeto e do processo do Sustentável¹¹. A reconstrução do projeto e do planejamento, em âmbitos como a energia renovável, alimentação urbana, transporte, gestão de bioresíduos, qualidade do ar e da água, habitação e assim por diante é essencial para o reestabelecimento do equilíbrio biofísico da vida urbana. Isto deve ocorrer baseado no espírito de novas visões da cidade enquanto entidade aberta e permeável, sempre em constante processo de ser desfeita e refeita.

O urbanismo biofílico oferece um outro ponto de partida, o qual compreende o ‘re-terraformar’ maciço das cidades – sua infraestrutura, atividades, conhecimento, instituições e governança¹². De forma sucinta, entende-se por cidades biofílicas lugares de fácil acesso amplamente dotados de natureza abundante, lugares capazes de atrair os residentes à integração com a natureza por meio de ambientes multissensoriais. O *design* biofílico objetiva um metabolismo urbano sustentável baseado em filosofias de ciclo fechado, envolve-se ativamente no biorregionalismo e na restauração ecológica e reimagina as cidades como entidades que abrigam formas naturais, abarcando tipos diversos de estruturas construídas. Todos estes elementos devem ser pensados em diferentes níveis: do edifício, da quadra, da rua, da vizinhança e da região. Até mesmo interstícios e pavimentação excessiva podem fornecer meios para a ‘re-formatação’ da cidade, inclusive para a agricultura urbana - por exemplo, a proliferação de jardins urbanos e de uma nova agricultura urbana, *agrihoods* em Detroit durante as duas últimas décadas de crise econômica e de uma nova onda de ‘*white flight*’ (migração repentina, ou gradual, de larga escala de pessoas brancas de áreas em processo de transformação racial ou etno cultural), ou ainda, de forma mais ambígua, as ‘superquadras’ recentemente introduzidas em Barcelona).

Perspectivas não antropocêntricas sobre a cidade – ou seja, que adotem uma postura de replanejar a cidade a partir da perspectiva dos não-humanos vivos - adicionam novas dimensões à reconstrução relacional das cidades. O que está em jogo é incrivelmente alto, pois envolve ir além do que Sylvia Wynter chamou de visão “mono-humanista” do humano: o humano como secular, liberal e burguês, melhor representado pelo homem branco ocidental¹³. Esta visão antropocêntrica e moderna / colonial do Homem é a configuração padrão de todos os tipos de *design* moderno,

incluindo a arquitetura e urbanismo. Os críticos culturais e sociais raramente observam que o Homem Universal moderno existe em um espaço projetado. O repensar e refazer a cidade na perspectiva da “multiplicidade do Outro”¹⁴ e do “urbanismo multiespécies” desafia as normas e formas do ambiente urbano alcançadas historicamente por meio do mono-humanismo antropocêntrico. Abordar a dependência da liberdade urbana para os privilegiados da não-liberdade de formas de trabalho racializadas e de gênero, assim como de toda uma gama de “corpos indesejáveis”, constitui-se apenas em um ponto de partida. Outras cidades, outros *designs* são possíveis quando imaginados da perspectiva da multiplicidade de outros que as habitam.

Isto também se aplica aos não-humanos, uma vez que um urbanismo multiespécie encontra inspiração em plantas urbanas e solos ou na agroecologia urbana e periurbana, na medida em que evidencia práticas de cuidado e reparação que visam “desfragmentar paisagens para os-mais-que-humanos pela maximização intencional da superfície e da subsuperfície como habitat e alimento.”¹⁵ Exemplos convincentes disto estão presentes nas visões do arquiteto colombiano Harold Martínez Espinal, cuja proposta de “uma nova fusão entre campo e cidade” reside em uma perspectiva profundamente relacional. O seu ponto de partida considera uma crise de habitabilidade decorrente dos “modos de habitação ocidentais” (incluindo a América Latina urbana). Recuperar a nossa capacidade de habitabilidade terrestre requer, para Martínez Espinal, uma forma de estar no mundo que supere o modo desincorporado e descontextualizado de ‘ser’ criado ao longo da história ocidental. A elaboração de outras formas de habitação envolveria “hábitos coletivos que permitam a criação de cidades onde o urbano seja capaz de fundir-se como entidade coletiva com seu habitat natural ... Seriam cidades onde humanos, como o resto dos seres vivos, existiriam simplesmente como habitantes de um solo vivo, ao qual devem um *ethos* de reciprocidade e complementaridade, quer dizer, de interação associativa”¹⁶.

A visão de Martínez para “uma nova fusão entre o campo e a cidade” pode ser concretizada por meio de vários projetos (*designs*). Sua própria proposta arquitetônica e projetual prevê edificações verticalizadas, de vários pavimentos, dotadas de corredores com estantes móveis para o plantio de alimentos (verduras, ervas e outras plantas), e rodeadas de hortas e áreas verdes, com locais de convivência coletiva. A ideia é estabelecer uma circulação “do jardim ao corredor e deste à cozinha e à mesa de jantar”. O projeto pretende introduzir na cidade uma visão camponesa do solo, reconstituindo o prédio de apartamentos e o bairro como o que poderíamos chamar de territórios ‘rurbanos’. A visão de Martínez de ‘rurbanização’ é baseada na noção de que “habitar é viver em comunidade, construindo e sustentando um ambiente”¹⁷. Seu objetivo projetual compreende “uma nova

linguagem arquitetônica, capaz de realizar uma interação associativa amorosa com as paisagens naturais”¹⁸. Ao unir conjuntamente habitabilidade, *design* (projeto), espaço, ontologia (relacionalidade) e, em última análise, ética e cuidado, ele articula uma estrutura convincente para as transições urbanas em direção ao pluriverso. Ao ver o ser humano como o habitante de um universo vivo, ao invés de mero ocupante de um solo passivo, ele se move decididamente para uma concepção pós-dualista da cidade. O seu marco referencial constitui uma práxis arquitetônica para transições baseadas em um compromisso renovado com uma ética e uma estética que decorrem do sentido mais profundo da própria vida: a relacionalidade.

Seis eixos para transições socioecológicas orientadas ao *design*

O presente é um momento estimulante para o *design*, emergindo como um domínio crucial para refletirmos sobre a produção da vida e a construção dos mundos. Mas, pessoas comuns forma destituídas do poder de criar vidas e construir mundos. A modernidade confiou a produção da vida coletiva a especialistas de um processo organizado pelo Estado e intimamente ligado ao capitalismo. Os resultados, ainda que impressionantes em muitos aspectos (por exemplo, o desenvolvimento tecnocientífico e econômico), foram desastrosos para humanos e não-humanos, uma vez que as consequências das formas antropocêntricas de produzir, consumir e viver estão se tornando dolorosamente claras.

Os atuais debates intelectuais-ativistas na América Latina sugerem seis eixos ou princípios para as transições de um pluriverso não antropocêntrico, sendo que a ocorrência de muitos destes eixos pode ser observada em muitas regiões do mundo. Cada um desses eixos está conectado a temas urgentes e questões abertas na teoria social, *design*, arquitetura e urbanismo, tendo como princípio orientador geral reivindicar o poder de fazer a vida com base na consciência da interdependência radical de tudo o que existe¹⁹.

‘Recomunalizar’ a vida social: a globalização, uma força individualizadora impulsionada pelo mercado, tem se constituído enquanto uma guerra implacável contra tudo o que é comunitário e coletivo,. É necessário resintonizar o fazer da vida com a condição comum de existência; existimos em emaranhados comunitários que nos tornam parentes de tudo que está vivo. Se nos vemos em comunidade, não podemos deixar de adotar o cuidado e a compaixão como fundantes de uma ética de vida. A ênfase na recomunalização pode ser traduzida em diretrizes de *design* para comunidades resilientes ou, em termos de projetos de vida, em comunidades de lugares que sejam ao mesmo tempo enraizadas, abertas e móveis²⁰.

Relocalizar atividades sociais, produtivas e culturais: As pressões de deslocamento intensificaram-se dramaticamente com a globalização, com terríveis custos ecológicos e sociais. Existem vários esforços contínuos para realocar atividades e recuperar um grau de autonomia sobre o alimentar-se, o aprender, o curar, o morar e a energia. Isto implica a transformação dos sistemas de produção, a reavaliação dos bens comuns e o retecer dos laços entre o campo e a cidade, todos os quais podem ser explorados por meio de interfaces apropriadas de *design*.

Fortalecer as autonomias: é necessária uma medida de autonomia local de modo a evitar que os esforços de recomunalização e relocalização sejam reabsorvidos por novas formas de reglobalização deslocalizada. A autonomia é uma radicalização da democracia direta orientada para reconfigurar o poder de forma menos hierárquica, baseada em princípios de suficiência, ajuda mútua e autodeterminação das normas de vida. O *design* pode ser recentrado na produção autônoma de vida e meios de subsistência por meio de coalizões projetuais que permitam a desglobalização seletiva. Dessa forma, retornando à noção de que cada comunidade pratica o *design* de si mesma.

Despatriarcalizar, desracializar e descolonizar as relações sociais: o capitalismo patriarcal é naturalizado por meio dos projetos concretos dos mundos e das instituições que habitamos, e que nos aprisionam. Despatriarcalizar e desracializar as relações sociais requer a prática de uma política feminista e anti-racista centrada na produção e reprodução coletiva da vida. A incorporação ativa dessa política na prática é essencial para reparar e curar a trama de inter-relações que constituem os corpos, lugares e comunidades que todos somos e habitamos, a partir da interdependência e do cuidado.

‘Re-terraformar’ a vida: a Terra está ressurgindo como um horizonte para uma práxis de vida renovada e a base para o ato humano essencial de habitar. São muitas as expressões intensas da necessidade premente de se reintegrar à Terra. A luta contra o terricídio nos convida a imaginar mundos diferentes, propícios à reconstituição de toda a rede da vida, à sustentação dos territórios e das formas comunalizadas de economia, onde quer que estejamos. Desde “projetar com a natureza” a novas formas de projetos respeitosos com a Terra e com a ‘re-terraformatação’ de cidades, o *design* precisa se reencontrar com a Terra e, em alguns casos, ressacralizar o *design*.

Construir entremeados entre alternativas e iniciativas transformadoras: A convergência de alternativas *bottom-up* genuinamente transformadoras precisa ser encorajada, fomentando entre elas a criação de malhas entremeadas auto-organizadas, ou redes de redes. Tais alternativas, adotando caminhos em direção a

formas diretas de democracia política e econômica, autossuficiência localizada, justiça social e equidade, diversidade cultural e de conhecimento e resiliência ecológica, tentam romper com o sistema dominante,.

Esses eixos visam à criação de vidas dignificadas e dignas em territórios rurais e urbanos. Eles são um antídoto contra a globalização destrutiva e os modos de vida normativos da classe média, caracterizados pela individualização compulsória, pelo consumo agonizante e pelo enxerto heterônimo cada vez mais profundo de tecnologias digitais em nossos corpos. Em todo o mundo, os enclaves de classe média são oferecidos como o ideal ao qual todos devem aspirar. Seus efeitos individualizantes e descomunalizantes são nefastos do ponto de vista ecológico, emocional e espiritual. Eles também costumam nutrir atitudes e comportamentos profundamente patriarcais, racistas e politicamente conservadores. A arquitetura e o planejamento urbano enfrentam um enorme desafio para desnaturalizar esse modelo sedutor e desenvolver projetos que possibilitem a reintegração social e ecológica, devolvendo à vida socioespacial uma medida de conexão significativa com o lugar. Como o arquiteto paisagista e planejador urbano Randolph Hester sabiamente colocou, explicando a razão de suas noções de "*design* endêmico" e reconexão com o local, "o apego ao local exerce a influência mais positiva sobre o *design* da comunidade"²¹.

Breve esboço de um *design* pluriversal

Não há dúvida de que o *design* tem desempenhado um papel importante na consolidação de uma ontologia de objetos inerentemente existentes, assim como de sujeitos individuais comprometidos com a intenção de criá-los e utilizá-los, tornando-os *commodities* "escassas" - simultaneamente delas extraindo valor, acumulando-as e descartando-as, transformando-os em resíduos e assim por diante. O *design* tem contribuído enormemente para estabelecer ordens sociais injustas e excludentes que naturalizam e promovem tal ontologia. Hoje, no que se refere ao tratamento da maioria dos humanos, da Terra e da Vida, os resultados estão visíveis para todos em toda parte como objetos, pela força se necessário, mas de preferência por meio da gestão biopolítica, da tecnociência, da política e pelo *design*. Isto em um mundo de obscenas desigualdades sociais, de destruição indescritível da Terra, de consumo e desperdício perdulários e de um paroxismo extremo na maximização de lucros. Pode o *design* ser visto como apoio potencial a lutas para a criação de vidas e de mundos para realocar, re-communalizar e 're-terraformar' a vida social? O que significaria projetar externo a hegemonia da ontologia liberal, secular e racionalista da modernidade capitalista?

Práticas projetuais de *design* baseadas no *insight* fundamental de que o mundo não existe “lá fora”, separado de nós, mas que o construímos com cada uma de nossas ações deveriam contribuir para romper as práticas de criação de mundo que fazem como que o mundo seja um. O fazer, o projetar de forma pluriversal fomenta modos projetuais não-representacionais orientados a não-objetos que desafiam o poder de uma economia globalizante onde apenas Um Mundo e Um Humano se adequam, se encaixam. Essas práticas projetuais de *design* contribuiriam fortemente para uma transição ao pluriverso, para um mundo onde cabem muitos mundos, com uma multiplicidade de outros e de todas as formas de vida. Vamos considerar, para terminar, o seguinte conjunto de proposições sobre como propor práticas projetuais de *design* a partir, no e para o pluriverso²²:

- 1) Projetar pluriversalmente significa projetar ‘com / em / a partir de’ um mundo de muitos mundos, com uma consciência ativa de que construir mundos sob a premissa da separação ontológica nega a possibilidade de existir e prosperar no que é ontologicamente diferente.
- 2) Projetar pluriversalmente implica projetar relacionalmente, ou baseado na premissa de que a vida se constitui pela interdependência radical de tudo o que existe.
- 3) Projetar pluriversalmente coloca entre parênteses as noções modernas de representação, objeto e projeto, abrindo possibilidades para práticas projetuais não representacionais, não centradas no objeto e não baseadas na praxes projetual.
- 4) Projetar pluriversalmente trabalha para a reconstituição, a cura e o cuidado para a teia de inter-relações que compõem os corpos, os lugares, as cidades e as paisagens que somos e habitamos.
- 5) Projetar pluriversalmente implica a consciência das condições de individuação generalizada, de deslocalização, de descomunalização e de deslocamento decorrentes de forças modernas, incluindo urbanismo e planejamento. Por outro lado, e inversamente, contribui para a recomunalização da vida social e a realocação de atividades como comer (vs. "comida"), cura (vs. "saúde"), aprendizagem (vs. "educação"), habitar (vs. "morar") e a provisão de meio de vida (vs. “ economia ”).
- 6) Projetar pluriversalmente visa curar o desenraizamento ontológico do corpo, do lugar e da paisagem por meio de formas de fazer que contribuam para reencarnar, reposicionar e ‘re-terraformar’ a vida.
- 7) Projetar pluriversalmente significa recuperar a capacidade de fazer a vida com autonomia, de viver autonomamente, ao invés de terceirizá-la para instituições, especialistas, o Estado ou a economia capitalista. Significa afastar-se de um mundo

centrado na dualidade do ser e do ter - o projeto histórico dos objetos / coisas - ao mesmo tempo em que privilegia o projeto histórico das relações e do habitar no lugar.

8) Projetar pluriversalmente promove o afastamento do antropocentrismo, criando condições para que todos os seres terrestres floresçam. Ele instila a sensação de habitar a morada em um mundo que está vivo, criando espaços para nos repensarmos como pluriversos e como comunidade.

9) Projetar pluriversalmente contribui para dismantelar o mandato da masculinidade que está no cerne da ontologia objeto-orientada da modernidade. Implica em praticar uma política feminista e anti-racista que privilegia pragmaticamente modos coletivos e comunitizantes de fazer e atuar centrados no cuidado.

10) Projetar pluriversalmente observa com seriedade as lutas por justiça social, respeito pela Terra e pelos direitos à vida e à existência de entidades humanas e não humanas.

11) Projetar pluriversalmente implica em aprender a pensar e fazer com quem se levanta em defesa de seus territórios de vida, fortalecendo suas práticas autônoma-orientadas de fazer-vida.

12) Projetar pluriversalmente requer uma consciência renovada de como a criação de condições para a coexistência sustentável terão, necessariamente, não apenas que se engajar, mas enfrentar a lógica dominante de insustentabilidade e desfuturização²³.

13) Projetar pluriversalmente implica compreender que é necessário ir além da gramática de "problemas" e "soluções", particularmente no que se refere aos desafios civilizacionais, como as mudanças climáticas, que são "impensáveis e incalculáveis, ontologicamente impossíveis de enquadrar"²⁴.

14) Projetar pluriversalmente implica em resistir a traduzir o reservatório inesgotável de práticas não-representacionais em gramáticas do *design* moderno, deixando que se estabeleçam no primeiro plano como instâncias do fazer relacional da vida.

15) Projetar pluriversalmente torna o projeto de 're-terraformar' cidades em um processo intelectual, político e técnico, historicamente plausível, sob a rubrica de criar espaços de cura, recomunalização e da melhoria mútua de relações com a Terra.

16) Projetar pluriversalmente contribui para transições civilizacionais, desde uma existência tóxica para uma curativa. Essa reorientação exigirá muito trabalho e só lentamente os *designers* pluriversais descobrirão o potencial considerável de agir a partir da interdependência e do cuidado.

17) Projetar pluriversalmente tem como objetivo geral mobilizar uma nova forma de ‘habitar’ a Terra²⁴.

NOTES/NOTAS

¹ Arturo Escobar, “Habitability and Design: Radical Interdependence and the Remaking of Cities.” *Geoforum*, no. 101 (2019): 132-140, 2019, p. 132.

² Amin, Ash, and Nigel Thrift, *Seeing Like a City*. Polity Press, Cambridge, UK, 2019, p. 31; Some of the main works associated with this turn include Simone, AbdouMaliq, and Edgar Pieterse. *New Urban Worlds. Inhabiting Dissonant Times*. Cambridge, U.K: Polity Press, 2017; Simone, AbdouMaliq. *Improvised Lives. Rhythms of Endurance in an Urban South*. Cambridge: Polity, 2019.

³ Mariana Valverde, “Seeing like a city: the dialectic of modern and premodern ways of seeing in urban governance,” *Law and Society Review* 45(2), 2011.

⁴ Forlano, Laura, “Decentering the Human in the Design of Collaborative Cities,” *Design Issues* 32(3), 2016, p 165. See also Forlano, Laura. “Posthumanism and Design.” *She-ji. Journal of Design, Economics, and Innovation* 3(1): 16-29, 2017.

⁵ Tony Fry, *City Futures in the Age of a Changing Climate*, London: Routledge, 2017; Saskia Sassen, *Expulsions. Brutality and Complexity in the Global Economy*, Harvard University Press, Cambridge, 2014.

⁶ Terry Winograd and Fernando Flores, *Understanding Computers and Cognition* (Norwood, NJ: Ablex, 1986), p. xi.

⁷ Anne-Marie Willis, “Ontological Designing: Laying the Ground,” *Design Philosophy Papers* 13, no. 1 (2006), p. 80.

⁸ In Sennett, Richard, and Joan Clos, “A Conversation,” in UN Habitat and Richard Sennett (eds.), *The Quito Papers and the New Urban Agenda*. New York: Routledge, 2018, p. 167.

⁹ Gutiérrez Borrero, Alfredo. “When Design Goes South: From Decoloniality, through Declassification, to *Dessobons*. In T. Fry and A. Nocek, eds. *Design in Crisis. New Worlds, Philosophies and Practices*. London: Routledge, 2021, p. 56-74, p. 57.

¹⁰ Tony Fry, *City Futures in the Age of a Changing Climate* (2017), 16.

¹¹ Tony Fry, *City Futures in the Age of a Changing Climate* (2017), 123.

¹² Adoto o termo ‘re-formatar’ (re-earthing) de Timothy Beatley, *Biophilic Cities. Integrating Nature into Urban Design and Planning* Washington, DC: Island Press, 2011, and *Handbook of Biophilic City Planning and Design*, Washington, DC: Island Press, 2016, embora o empregue em uma forma ontológica explícita. Beatley observa uma certa noção naturalizada de natureza enquanto separada dos humanos e, em função desse enfoque, sua proposta não explora integralmente a possibilidade de visões de ‘re-formatação’ baseadas na interdependência radical. O mesmo pode ser dito, se considerarmos sua totalidade, do manual de ecologia urbana editado por edited by Ian Douglas et al., *The Routledge Handbook of Urban Ecology* (London: Routledge, 2021). Há uma necessidade de estudos urbanos que abordem a questão do não-humano específico das cidadeds, reimaginando a cidade,por meio do *metrofiting* ontológico, como entidade viva.

¹³ Wynter, Sylvia. “Unparalleled Catastrophe for Our Species?” In pp. K. McKittrick, ed. *Sylvia Wynter. On Being Human as Praxis*. Durham: Duke University Press, 2015, pp. 9-89; for a discussion of Wynter’s concept, see Arturo Escobar, “Reframing Civilization(s): From Critique to Transitions.” *Globalizations*, in press.

¹⁴ de Jong, Afaina. *The Multiplicity of Others*. Part of Who is We? The Dutch Pavilion for the 17th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia (2021). <https://whoiswe.nl/works#de-jong-multiplicity-of-other> Who is We? The Dutch Pavilion for the 17th International Architecture Exhibition.

La Biennale di Venezia (2021). <https://whoiswe.nl/works#de-jong-multiplicity-of-other>

¹⁵ Debra Solomon, *A Multispecies Urbanism Manifesto*, p. 4 (2021). Part of Who is We? The Dutch Pavilion for the 17th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia (2021).

<https://whoiswe.nl/works#solomon-multispecies-urbanism>

¹⁶ Harold Martínez Espinal, *Del hábito, al hábitat y al habitar* (Cali: Editorial Universidad del Valle, 2016), 22. A íntegra da proposta de *design* e arquitetônica pode ser encontrada em Grupo CU:NA, *La fusión campo-ciudad desde un nuevo concepto de vivienda* (Cali: Editorial Universidad del Valle, 2021), coordenada por Harold Martínez e a arquiteta Verónica Iglesias García. Ver Escobar, “Habitability and Design” (2019) para uma discussão mais ampla. Martínez Espinal realizou um programa de pós-graduação no Bouwcentrum Rotterdam.

¹⁷ Harold Martínez Espinal, *Habitabilidad terrestre y diseño*. Universidad del Valle, Cali, 2013, p. 156.

¹⁸ Harold Martínez Espinal, *Del hábito, al hábitat y al habitar*, 21.

¹⁹ Esta é apenas a síntese de um argumento muito mais extenso. Para um conjunto completo de referências ver Escobar, Arturo. “El pensamiento en tiempos de pos/pandemia”. In Olver Quijano, ed., *Pandemia al Sur*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2020, pp. 31-54; Escobar, Arturo. 2018. *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Durham: Duke University Press; Escobar, Arturo, Michal Osterweil, and Kriti Sharma, *Designing Relationally: Making and Restor(y)ing Life*,

London: Bloomsbury (forthcoming).

²⁰ As noções de projeto de vida e de comunidades do lugar são encontradas na literature ativista latino-americana, assim como em Ezio Manzini, *Design when Everybody Designs* (Cambridge: MIT Press, 2015) and *Politics of the Everyday* (London: Bloomsbury, 2019). The term “design coalitions” is also Manzini’s.

²¹ Hester, Randolph. “Reattach! Practicing Endemic Design,” in Lynn Manzo Patrick Devine-Wright (eds). *Place Attachment*. London: Routledge, 2021, p. 208.

²² Eu desenvolvi esse conjunto de proposições com Marisol de la Cadena. Ver de la Cadena, Marisol, and Arturo Escobar. “Notes on Ontological Excess: Towards Pluriversal Designing.” In Martín Tironi, ed. *Resonancias tectónicas desde el Sur: Del diseño centrado en el usuario al diseño centrado en el planeta*”, In press. See also Escobar, Osterweil and Sharma, *Designing Relationally*.

²³ Fry, Tony. *Defuturing. A New Design Philosophy*. London: Bloomsbury, 2021.

²⁴ Akomolafe, Bayo. “What Climate Collapse Asks of Us” 2020.

<https://bayoakomolafe.net/project/what-climate-collapse-asks-of-us/>

²⁵ Esta formulação guia o trabalho corrente de um pequeno grupo que inclui Fernando Flores, Terry Winograd, Don Normal. B. Scot Rouse, and Arturo Escobar, reunidos em torno dos *insights* formativos de tecnologia e *design* de redes de computadores (originalmente formulados em livro de 1986 de Winograd and

Flores, *Understanding Computers and Cognition. A New Foundation for Design*.